

Os diversos âmbitos da vida social têm hoje, início do século XXI, se deparado com a questão da emergência de uma nova ordem mundial. A internacionalização e a interdependência dos mercados, a estruturação de áreas de livre comércio bem como a revolução tecnológica são atributos da globalização econômica. Esta tem sido apresentada como a base organizadora da economia mundial e é acompanhada pelas metáforas do fim do Estado, fim da Geografia, fim da História, mundialização, aldeia global, mercado único, etc [...].¹

A meta do capitalismo de chegar a uma sociedade global, racional e harmônica já se fazia presente no Iluminismo que subsidiou, teoricamente, os embriões capitalistas. Entretanto, a globalização surge como uma nova modalidade de acumulação do capital que, diferentemente do que ocorria em fases passadas, demonstra que a apropriação de riquezas é fruto de especulações no mercado financeiro e não mais de produção de valor.

Uma das marcas específicas do atual momento do capitalismo é a aceleração da automação, da produção aliada à agilização dos processos de comunicação, mas é a revolução tecnológica informacional que caracteriza de modo mais incisivo a globalização.

Alicerçada nas premissas de eficiência e produtividade, de competência tecnológica, a atuação do Estado vêm sendo enfraquecida, em relação às políticas sociais e educacionais, o que agudiza problemas que se arrastam há décadas no cenário brasileiro.

Neste contexto, como pensar o ensino superior brasileiro e, mais especificamente, a pesquisa e a produção acadêmica?

As instituições de ensino superior têm sido alvo de reformas políticas e sociais do projeto neoliberal. Diferenciação institucional, diversificação de fontes de financiamento, necessidade da garantia da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, são algumas das novas faces do ensino superior brasileiro. Tal reorganização implica na transformação das universidades públicas em organizações voltadas para a produtividade e para o aprimoramento intelectual.

Assim, a Universidade tem um papel social marcante no tocante à produção, à guarda e à difusão do conhecimento. As produções dela originárias precisam ser disponibilizadas à sociedade, por meio da divulgação da produção acadêmica.

De certo modo, o balanço e as inquietações suscitadas pela nova ordem social delineiam uma agenda de questionamentos úteis aos pesquisadores que investigam as temáticas das ciências humanas desafiando-os a enfrentar dilemas epistemológicos e metodológicos.

A publicação do conjunto de textos apresentados nesta edição da Revista ANALECTA, neste sentido, pretende contribuir com a produção da pesquisa em educação

¹ IANNI, O. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

e seu papel na modernidade, estudos literários e lingüísticos, e dar ao leitor uma visão panorâmica da produção universitária na área das ciências humanas.

Maria Aparecida Crissi Knüppel
Diretora do CCH